

PROJETO HISTÓRIAS VARIADAS: UM CONTO AFRICANO NA SALA DE AULA

MISCELLANEOUS STORIES PROJECT: AN AFRICAN TALE IN THE CLASSROOM

Maynara de Souza Melo¹

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato pessoal de experiência, que tem como objetivo descrever um projeto de leitura que foi realizado enquanto atuei como docente em uma escola da rede particular, de Rio Branco, no Acre. O mesmo foi denominado “Histórias Variadas”, que consistiu em leituras, escritas e reescritas de contos africanos, visando cumprir a Lei no 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. O projeto teve duração de três meses, em que, a cada semana, um aluno trazia um conto africano para leitura em sala de aula. Após a contação da história, os alunos reescreviam o conto de acordo com seu ponto de vista. Ao final do projeto, ocorreu a exposição dos livros, e cada aluno escolheu um conto de sua preferência para ler ao público que prestigiou o encerramento do projeto. Logo após a realização do projeto, pôde-se perceber uma mudança na visão dos alunos, já que começaram a enxergar a beleza da África e a perceber que aquele lugar é muito além do que relatam os livros didáticos. A valorização da cultura africana é uma valorização também do aluno negro. Hoje, percebemos que muitas crianças negras não veem representatividade em várias instâncias, o que pode acarretar um sentimento de não pertencimento, por não se sentirem representadas, o que, por sinal, é um dos maiores motivos de evasão e fracasso escolar. Este projeto serviu também para mostrar-me a importância em se trabalhar a Educação das Relações Étnico-Raciais dentro da sala de aula e me incentivou a enveredar nesse ramo de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: História africana. Projeto de leitura. Relato de experiência.

ABSTRACT

The present work is a personal experience report, which aims to describe a reading project that was carried out while I was a teacher in a private school, in Rio Branco, Acre. It was called "Varied Stories", which consisted of readings, writings and rewritings of African tales, aiming to comply with Law No. 10.639/03, which includes the mandatory presence of the theme "Afro History and Culture" in the educational network's official curriculum - Brazilian and African". The project lasted for three months, in which, each week, a student brought an African tale to be read in the classroom. After the story was told, the students rewrote the story according to their point of view. At the end of the project, there was an exhibition of books, and each student chose a story of their choice to read to the public who attended the end of the project. Soon after the project was carried out, it was possible to notice a change in the students' vision, as they began to see the beauty of Africa and to realize that that place is far beyond what textbooks report. The appreciation of African culture is also an appreciation of the black student. Today, we realize that many black children do not see representation in various instances, which can lead to a feeling of not belonging, for not feeling represented, which, by the way, is one of the biggest reasons for school dropout and failure. This project also served to show me the importance of working the Education of Ethnic-Racial Relations within the classroom and encouraged me to embark on this field of research.

KEYWORDS: African History. Reading project. Experience report.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre e Mestranda em Educação pela referida instituição.
E-mail: maynaramelo3@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A leitura como objeto de estudo, nos últimos anos, vem sendo bastante discutida. Cabe também a nós, professores, despertar nos alunos apreço em relação aos textos literários. A literatura deve ser vista como uma forma prazerosa de ensinamento e também deve ser inserida no cotidiano escolar como uma proposta didática diversificada. Mantendo seu caráter lúdico, seu processo e consequência para a vida das crianças e dos adolescentes, este processo de ensino aprendizagem revela-se fundamental a todos os professores que desejam oferecer um ensino de qualidade. A experiência lúdica é fundamental para o desenvolvimento da criatividade.

Apesar do caráter lúdico ser extremamente importante para a criatividade, a literatura tornou-se muito importante no ambiente escolar, no sentido de fazer o aluno se interessar pela leitura por prazer. Esse dado merece ser considerado, pois isso coloca a literatura assumindo um “caráter instrumental”, utilitarista, algo para ser didatizado.

Assim, podemos dizer que o ensino da literatura infanto-juvenil e infantil é de promover uma leitura de qualidade para que possa sentir recompensado ao ler, seja porque sente prazer, seja porque venceu o obstáculo, seja porque se emocionou com poemas ou narrativas que leu. A literatura é de suma importância para formar um leitor de atitude crítica em relação ao mundo que o rodeia. Cabe ao professor realizar a estimulação extrínseca para que o aluno aprenda a gostar de ler e, posteriormente, faça suas próprias escolhas, por puro prazer.

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intensão é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p. 22).

A concepção de leitura como atividade de produção de sentidos é explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), conforme trecho a seguir:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (PCN, 1998, p. 69-70).

A leitura na escola está prevista tanto nos PCN como também na Lei de Diretrizes e Bases (LDB). A partir dessa afirmativa, compreende-se o verdadeiro significado de leitura e percebe-se que ler não é meramente decifrar os códigos linguísticos, mas também compreendê-los de forma com que eles formem um significante. Através da leitura, os alunos podem conhecer diversas culturas. Neste projeto aqui relatado, escolheu-se a cultura africana.

No Brasil, a Lei n. 10.639/03 foi criada com a ideia de incluir obrigatoriamente no currículo oficial das escolas o ensino da cultura africana e afro-brasileira, como também no projeto político pedagógico, bem como no trabalho docente do professor em sala de aula. Deste modo, este trabalho trata-se de um relato de experiência ocorrido no ano de 2019, em que, ao atuar como docente no 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede particular, realizei um projeto embasado na Lei nº 10.639/03, que torna obrigatória, no currículo oficial da Rede de Ensino, a presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Tal projeto teve como objetivo desenvolver habilidades relacionadas à leitura, interpretação e produção de texto, estimulando no aluno o gosto pela leitura e escrita, ampliando o conhecimento linguístico e, principalmente, cultural, em que, como base, utilizou-se a cultura africana, no intuito de proporcionar aos alunos uma visão crítica e contextualizada dos assuntos adquiridos dentro e fora da sala de aula.

Os alunos foram convidados a analisar algumas histórias contadas em alguns países da África. A proposta objetivou uma aproximação dos alunos aos diferentes tipos de contos africanos, em que a mesma história tem várias versões, dependendo do lugar e de quem as conta, podendo atravessar gerações. Quando desenvolvemos o hábito da leitura, apuramos também o nosso senso crítico. Isso quer dizer que passamos a analisar de forma mais racional e inteligente os fatos que acontecem ao nosso redor, sem nos deixar levar pela opinião alheia, evitando, assim, nos tornarmos pessoas alienadas, que não conseguem formular opiniões, conceitos e dar sugestões por conta própria.

Tal projeto teve duração de três meses. Nesse período, as crianças conheceram um pouco da África, sua cultura e história, através da oralidade. Iniciamos esse processo a partir da história de como surgiu as *Abayomis*, para que as crianças ouvissem sobre esses símbolos de resistência, criado para acalentar as crianças durante as viagens a bordo dos tumbeiros. Foi explicado às crianças a origem das *Abayomis*: as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e, a partir deles, criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. Em seguida, as crianças aprenderam sobre filosofia africana, entendendo o



conceito de Ubuntu, “eu sou porque nós somos”, que significa compaixão, partilha, respeito, empatia, entre outros.

No segundo momento do projeto, iniciou-se as leituras de diversos contos africanos, com o intuito de auxiliá-los posteriormente na escrita sobre diferentes olhares dos contos. De início, ocorre uma extrema dificuldade de escrita por parte dos alunos, visto que estes não tinham o hábito de refletir sobre o que liam. Conforme o projeto foi-se desenvolvendo, os alunos foram pegando o ritmo da escrita e desenvolvendo melhor.

Assim, os alunos leram e recontaram as histórias de acordo com suas interpretações, escrevendo, posteriormente, um livro que nomeamos "Histórias variadas: um conto africano".

A escolha desses contos deu-se de forma variada, em que cada aluno ficou encarregado de levar à sala de aula um conto africano para compartilhar com a turma. Desse modo, as leituras foram realizadas por eles individualmente, e, logo após, coletivamente. Cada aluno expôs seu ponto de vista sobre a obra lida, promovendo, assim, uma discussão coordenada. O projeto foi finalizado com a exposição dos livros produzidos para os demais alunos da escola.

A partir da percepção de que a educação e a cultura são instrumentos decisivos para a promoção da cidadania e para a eliminação das desigualdades raciais, em sala de aula, foi-se utilizando materiais didáticos e paradidáticos que abordam a temática, fazendo, assim, uma viagem pela história do continente e dos afro-brasileiros. Ainda nessa etapa, foram discutidos temas voltados ao respeito às diferenças e à promoção da igualdade racial.

O Brasil, ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem. Superar as diversas formas de expressão do racismo e desigualdades é um desafio que foi posto em pauta na vida dos alunos durante o projeto.

2 A LITERATURA AFRICANA NO AMBIENTE ESCOLAR

A história da África e a cultura africana, mesmo sendo uma das que compõem a cultura brasileira, sempre ocupou uma posição sucinta ou quase imperceptível na área educacional. A literatura acontece através de um registro entre transformações culturais e históricas, empregando a língua como ferramenta de comunicação e interação, podendo ser considerada como uma manifestação artística essencial para a formação cultural e social de um povo. Como afirma Cosson (2006, p. 17) "na leitura e na escritura do texto literário, encontramos o senso de



nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos".

Foi pensando no desenvolvimento dos alunos e no conhecimento que eles iriam adquirir trabalhando com contos africanos que surgiu a ideia de trabalhar com um projeto de leitura. A leitura literária apresenta uma função importantíssima para o ser humano, o poder de transformação e expressão do indivíduo para a sua autoconsciência e caráter humanizador, além de exercer um papel primordial diante a sociedade.

No exercício da Literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2006, p. 17).

Deste modo, o ambiente escolar, juntamente com o professor, tem uma grande força para estimular o gosto literário do aluno, mas é preciso saber quais são essas leituras apresentadas e qual a intenção da interpretação proposta. É preciso buscar uma leitura que envolva mais a expressividade do cotidiano dos leitores, podendo ser relacionada a sua própria vida através da criatividade proposta pela história e a imaginação, como nos afirma Zilberman (2008):

A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior. Pode ser que ele não opere como o escritor, que produz um texto literário ao elaborar de modo criativo seus processos internos; mas ele passa por situação similar, na medida em que o mundo criado agita seu imaginário e faz com que, de alguma maneira, esse se manifeste e transforme-se em linguagem. Eis por que leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida (ZILBERMAN, 2008, p. 20).

É partindo desta visão da interação social e do diálogo que se pretende compreender a relevância da literatura infanto-juvenil para o desenvolvimento do aluno como um todo, pois é através da leitura que ocorre o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto.

Sobre o ato da leitura, Zilberman (1991) frisa que ele é:

[...] o fenômeno que respalda o ensino de literatura e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra, de tendência mais prática. De modo que a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo como a leitura é encarada pelos professores [...] (ZILBERMAN, 1991, p. 94).



Podemos perceber, segundo a autora, que a leitura se faz presente nas escolas desde seu surgimento. Entretanto, inicialmente, foi com o intuito de transmitir um padrão linguístico. Nos dias atuais, a leitura tem por objetivo formar o leitor. Para tanto, é necessário conceber “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de experiência única com o texto literário” (ZILBERMAN, 2009, p. 16).

Nos dias atuais, ocorre uma extrema necessidade de buscar novas literaturas. No entanto, nos últimos anos, ocorre uma necessidade de incluir, com base nessas leituras, um conhecimento e estudo de diferentes culturas. Dessa forma, ocorre a criação da Lei n. 10.639/03 criada no Brasil com a intenção de incluir no currículo escolar o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira de maneira obrigatória, como afirmamos acima.

Segundo o autor Munanga (2005):

O Ministério da Educação e do Desporto, ao instituir os Parâmetros Curriculares Nacionais, introduzindo neles o que chamou de Temas Transversais, busca caminhos apropriados e eficazes para lutar contra os diversos tipos de preconceitos e de comportamentos discriminatórios que prejudicam a construção de uma sociedade plural, democrática e igualitária. Mas deixou aos próprios educadores a liberdade de incrementar o conteúdo desses temas transversais, baseando-se na sua experiência profissional e nas peculiaridades de seus meios (MUNANGA, 2005, p. 20).

Os contos Africanos ajudaram os alunos a entender melhor o significado de partilha, união, o que incentivou a imaginação e criatividade. Como afirma Cascudo (2003):

O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do ofício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandono de pormenores, certos aspectos da narrativa. O princípio e o fim das histórias são as partes mais deformadas na literatura oral (CASCUDO, 2003, p. 12).

Trabalhar com contos africanos permitiu aos alunos um novo olhar sobre a África. A questão sobre identidades é um tema delicado que retrata sentimentos, vivências, comportamento de cada pessoa. A identidade significa a compreensão de quem somos como seres humanos. Deste modo, faz-se necessário trabalhar a construção da identidade com os alunos que não se sentem representados e também ensinar sobre o respeito a diferença com os demais.

Com isso, achou-se mais viável trabalhar os contos africanos por ser um texto curto e de fácil compreensão para os leitores mirins.

A partir do momento em que as crianças ouvem as histórias contadas torna se possível a introdução de elementos da História Africana e Afrobrasileira no imaginário infantil, abrindo à fantasia dos jovens leitores a personagens e situações vividas por eles. Por isso, é de grande relevância realizar rodas de leituras com os contos africanos para que os alunos percebam a importância dessas histórias e a variedades de livros com essa temática (SOUZA, 2012, p. 19).

Buscou-se, ainda, mostrar dentro desses contos as riquezas de um território que foi sempre visto como um lugar ruim, de fome e miséria, onde, por maior parte, é focado apenas seus aspectos negativos. Gomes (2008), apoiando-se em Munanga aborda:

Até hoje, nas imagens que são veiculadas sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e muito menos as de uma cidade moderna africana construída pelo próprio ex-colonizador. Geralmente mostram uma África dividida e reduzida, enfocando sempre os aspectos negativos, como atraso, guerras ‘tribais’, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, AIDS etc. (GOMES, 2008, p. 76).

Deste modo, podemos constatar a importância de envolver outras origens de narrativas dentro do plano pedagógico. Assim, oportunizamos ao aluno o conhecimento de novas culturas e quebra de conceitos pré-estabelecidos.

3 CONTOS TRABALHADOS

Antes de iniciar os trabalhos com os contos, os alunos, primeiramente, conheceram o que era um conto, sua estrutura e quais tipos de contos existe. De acordo com os teóricos, os contos fazem pensar, intrigam, trazem descobertas, provocam susto, riso e encantamento.

[...] é uma narrativa breve de um fato real ou fantasioso, desenrola-se com poucas personagens, apresenta apenas um drama, tem espaço e tempo restritos, privilegia o diálogo e possui uma linguagem objetiva. Por meio da leitura do conto pode-se descobrir outros lugares, outros tempos, outras formas de agir e ser, outra ética (GURGEL; LAGINESTRA; CLARA, 2009, p. 15).

Em seguida, as crianças conheceram sobre os contos de adivinhação que, de acordo com Brasil (2014):

Os contos de adivinhação são populares na literatura oral africana. A oralidade é um elemento central na manutenção das diversas culturas, dos valores, conhecimentos, ciência, história, modos de vida, formas de compreender a realidade, religiosidade, arte e ludicidade. A palavra falada, para os africanos, possui uma energia vital, capaz de criar e transformar o mundo e de preservar os ensinamentos. As narrativas se articulam à musicalidade, à entonação, ao ritmo, à expressão corporal e à

interpretação. Essas histórias são preservadas e contadas por narradores ou griôs treinados desde a infância no ofício da palavra oral. Griôs são contadores de histórias, genealogistas (estudam a origem de um indivíduo ou família), mediadores políticos, contadores, cantores e poetas populares que vivem em alguns países africanos. É por meio da tradição oral que o griô transmite às novas gerações o que sabe, especialmente às crianças. Há mulheres e homens que são griôs e griotes. Além das tradições de seu povo, essas pessoas conhecem o som dos animais, dos grandes aos pequenos, das cigarras aos elefantes (BRASIL, 2014, p. 33-34).

Antes de adentrarmos aos contos africanos, ocorreu um diálogo coletivo sobre o que seria África. Algumas crianças disseram que era um país, outras que era um continente. Explicou-se, então, aos alunos, que África era um continente, “este continente é, ao mesmo tempo, muitos continentes. Os africanos são um entrançar de muitos povos. A cultura africana não é uma única, mas uma rede multicultural em contínua construção” (COUTO, 2008, p. 79).

Ao iniciar o projeto de leitura, primeiramente se trabalhou com o conceito de “Ubuntu”, em que ocorre a leitura para os alunos dessa filosofia africana, sua origem e seu significado, para que estes ficassem cientes da importância de trabalhar os textos africanos. Para a filosofia africana ubuntu, uma sociedade deve ser sustentada pelo respeito e pela solidariedade. A intenção com essa leitura foi mostrar às crianças o lado da África que não é relatado nos livros didáticos.

Apenas após o exposto é que se deu início as tarefas planejadas para a realização do projeto, que tiveram a seguinte ordem de ocorrência: i) levantamento bibliográfico, feito pelos próprios alunos, através de buscas na *internet*; ii) escolha de um conto africano; e iii) leitura do texto selecionado para toda a turma. Logo, cada aluno expôs seu ponto de vista sobre o conto e reescreveu a seu modo.

O projeto teve duração de três meses. As atividades do projeto foram realizadas todas as sextas-feiras, nos meses de março, abril e maio de 2019, totalizando, assim, 14 dias. A sala possuía apenas 7 (sete) alunos, de modo que cada aluno apresentou à sala 2 (dois) contos africanos.

Contos trabalhados a partir das obras:

1. A menina que não falava
2. A lua feiticeira e a filha que não sabia pilar
3. A cabaça universal
4. A origem do tambor
5. A hiena e o gala-gala
6. A mulher que tinha uma filha fabricante de azeite-de-dendê



7. A tromba do elefante
8. Como surgiu a galinha d'angola
9. Duas mulheres
10. O cágado e o lagarto
11. O elefante escravo do coelho
12. O homem e a filha
13. Os segredos da nossa casa
14. Todos dependem da boca

Após trabalhar com todos esses contos, cada aluno escolheu o seu favorito para expor durante a culminância.

Quadro 1 – Reescrita dos alunos

Ana Julia	A hiena e o gala gala: “uma iena e um gala gala eram amigos, ai eles foram pra festa, lá eles bebaram cachaça, o gala gala depois da festa foi para casa, só que ele caiu no meio do caminho e a iena achou que ele tinha morrido e foi assar ele. O gala gala quando sentiu o fogo acordou, bateu na iena e subiu na arvore. É por isso que a iena vivi no chão e ele na arvore, porque um dia ela quis comer ele”.
Emanuel	Os segredos da nossa casa: “um dia uma mulher estava fazendo comida, e sem querer jogou cinza no cachorro, e o cachorro gritou não me queima. Ai a mulher pensou em bater no cachorro com uma colher para ver se ele falava de novo, mas a colher não quis bater, ela pensou e foi até a vizinha contar que as coisas estavam falando, mas a porta não deixou ela ir e pediu para não contar os segredos. A mulher decidiu ficar em casa e não contar mais nada para ninguém.”
Julia	A menina que não falava: “era uma vez lá na África onde tinha uma menina que não falava, todo mundo queria casar com ela, mas só podiam casar se ela falasse. Todos os meninos iam tentar fazer ela falar, mas ela não falava. Um dia chegou um menino sujo, e levou ela para o trabalho, ele capinou e fez várias coisas, ai ela perguntou: o que você está fazendo? Ele correu com ela para a aldeia e disse que ela tinha falado, eles casaram e viveram felizes.”
Larissa	A origem do tambor: “O macaco da África queria subir para a lua, porque ele queria pegar ela para ele, só que quando ele chegou lá não conseguiu mais descer. A lua deu um presente para ele ficar feliz. O presente era um tambor. Todo dia o macaco batia no tambor, só que com os dias ele ficou triste, ai pediu para a lua descer ele pela corda só que ele não podia tocar o tambor até chegar na terra, porque a lua ia cortar a corda. Só que quando ele estava descendo, esqueceu que não podia tocar e bateu no tambor, a lua

	ouviu o som e cortou a corda do macaco. Ele caiu do céu, e se quebrou todo, ai vinha passando uma menina e o macaco antes de morrer deu o tambor para ela e contou a sua história. A menina levou o tambor para casa eles começaram a tocar e fazer mais tambor. Fim”
Leticia	Todos dependem da boca: “a boca começou a perguntar para os outros órgãos quem era mais importante do corpo. Todos os órgãos começaram a falar que eram eles, a mão pegava, o olho via, o ouvido ouvia, o pé andava. Então uma senhora fez um pão, na hora de comer todos os órgãos queriam comer, mas a boca não quis, então todos ficaram com fome e fraco. Quando eles estavam fraco a boca perguntou de novo quem era o órgão mais importante, e todo mundo disse é a boca!”
Olinda	O elefante escravo do coelho: “lá na África todos os animais estavam reunidos, esperando o elefante, o coelho chegou e perguntou o que eles estavam fazendo, todos responderam que o elefante era chefe dele. Ai o coelho disse que o elefante era escravo dele, que ele andava nas costas do elefante, quando o elefante chegou só tinha um animal, o elefante ficou com raiva e foi na casa do coelho. O coelho fingiu que estava doente e disse para o elefante que era tudo mentira. O elefante disse para o coelho que ele deveria ir lá falar para todos que era mentira, mas o coelho disse que não aguentava andar. O elefante levou o coelho nas costas, só que quando chegou todos tiveram certeza que o elefante era escravo do coelho.”
Pedro Henrique	O cágado e o lagarto: “antigamente o cágado comprou um saco de milho porque não tinha comida na África, ai quando ele ia para casa, não conseguia atravessar a floresta, e jogou o saco de milho, só que não conseguiu pegar mais, porque o lagarto roubou o milho. O cágado ficou triste e foi para casa, chamou a família e foram procurar comida, no meio do caminho eles viram um rabo, pegaram a faca e cortaram aquele rabo, levaram para casa e comeram. O lagarto foi reclamar com o chefe que o rabo dele tinha sumido e que ele achava que o cágado tinha pegado, o cágado falou que tinha comido porque estava com fome e o chefe nem ligou.”

Fonte: produzido pela autora (2021).

Assim, percebemos que as crianças obtiveram uma boa compreensão dos contos que foram lidos durante a aula. A reescrita dos contos foi feita pelos próprios alunos, e postas tal qual foi redigido. Após o exposto pelas crianças durante a culminância, elas relataram a aprendizagem que tiveram sobre a África e as coisas incríveis que não sabiam que existia lá. Apesar do curto tempo que foi disponibilizado pela escola para que esse projeto fosse executado, o esforço foi gratificante ao perceber o quanto esse trabalho voltado para a cultura e para a história africana proporcionou aos alunos construir uma formação de conceitos acerca da identidade e da diversidade cultural, tendo como princípio norteador a formação humana como algo imprescindível para o convívio em sociedade.

4 CONCLUSÃO

O Brasil, como um país que possui uma grande parcela de sua população composta por pessoas negras e pardas, ainda permanece com o preconceito estrutural de forma muito intensa. Infelizmente a atualidade vem afastando cada vez mais os nossos alunos do ato de ler. Pensando nisso, e também na importância da aplicabilidade da Lei 10.639/03, é que este trabalho com os contos africanos se formulou como de alta relevância.

A luta para o fim do racismo começa na escola. Uma das ações possíveis é por meio do ensino da cultura e da história africana, e entendemos que esse deve ser iniciado o quanto antes dentro no âmbito escolar. Trabalhar com contos africanos permitiu um outro olhar sobre a cultura africana. Antes do projeto, as crianças tinham uma visão de uma África como apenas um local de luta, dor, fome e miséria.

Logo após a realização do projeto, pode-se perceber uma mudança na visão dos alunos. Eles começaram a enxergar a beleza da África e a perceber que aquele lugar é muito além do que relatam os livros didáticos. A valorização da cultura africana é uma valorização também do aluno negro. Hoje, percebemos que muitas crianças negras não veem representatividade em várias instâncias, o que pode acarretar um sentimento de não pertencimento por não se sentirem representadas, o que, por sinal, é um dos maiores motivos de evasão e fracasso escolar. Esse projeto serviu também para me mostrar a importância em se trabalhar a Educação das Relações Étnico racial dentro da sala de aula e me fez enveredar nesse ramo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos africanos para crianças brasileiras**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Outros contos africanos para crianças brasileiras**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

BARREIROS, Ruth Ceccon. **A literatura infantil afro-brasileira e a formação leitora no ensino fundamental**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3659.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECAD; UFSCar, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FELIPE, Delton Aparecido. **Ensino da história e cultura africana em salas de aula brasileira**. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/013.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

GOMES, N. L. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10639/2003. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GURGEL, Luiz Henrique; LAGINESTRA, Maria Aparecida; CLARA, Regina Andrade. Dentro do conto tem... Na ponta do lápis. **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC**, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 15, dez. 2009.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na Escola**. 2. ed. Ministério da Educação: Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

SOUZA, Solange Gibin Roeles de. **Ensino da história e cultura afrobrasileira e africana através de contos africanos**. 2012. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 19 maio 2020.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

Enviado em: 22/12/2020
Aprovado em: 27/07/2021